

O QUE HÁ POR DETRÁS DAS METÁFORAS?
UMA ANÁLISE SOCIOCULTURAL DAS METÁFORAS DA LÍNGUA INGLESA

*WHAT IS THERE BEHIND METAPHORS?
A SOCIOCULTURAL ANALYSIS OF THE ENGLISH LANGUAGE METAPHORS*

Prof. Dr. Flávius Almeida dos Anjos
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
flaviusanjos@gmail.com

Resumo: Este artigo aborda os idiomatismos metafóricos na língua inglesa. Metáforas do tipo “*she’s an apple polisher*”, “*he’s a chip off the old block*”, “*I’m blue*”, “*she’s a working girl*” são comuns na língua inglesa. São frases prontas, cujos significados, à primeira vista, têm pouco ou nada a ver com cada uma das palavras envolvidas. As metáforas são ferramentas linguísticas cognitivas que os falantes usam para criar as realidades sociais. Com base nisso, este texto pretende mostrar que os falantes da língua inglesa, sobretudo os nativos, criam metáforas baseados nos contextos da cultura nativa. Para tanto, este artigo está ancorado nas ideias de pesquisadores como Lakoff e Johnson (1980) e Searle (1995). A conclusão a que se chega, com este estudo, é que a diferença cultural da natureza metafórica, das metáforas selecionadas, reside nas histórias das circunstâncias que originaram cada uma delas.

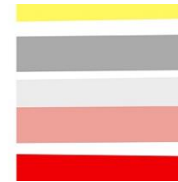
Palavras-chaves: Metáforas; Língua inglesa; Cultura; Significado.

Abstract: *This paper discusses the metaphorical idioms in the English language. Metaphors like “she’s an apple polisher”, “he’s a chip off the old block”, “I’m blue”, “she’s a working girl” are common in the English language. They are set phrases, which the meanings, at first sight, have a little or nothing to do with each word in the sentence. Metaphors are cognitive linguistic tools that speakers, mainly the native ones, use to create social realities. Based on this, this text intends to show that the English native speakers create metaphors based on the contexts of the native culture. For this purpose, this article anchored in the ideas of some researchers, such as Lakoff e Johnson (1980) e Searle (1995). The conclusion is, therefore, that the cultural difference of the nature of the metaphors, previously selected for this study, lies on the histories of the circumstances that originated each one of them.*

Keywords: *Metaphors; English language; Culture; Meaning.*

1 Introdução

Este artigo é sobre as metáforas na língua inglesa. Tem como objetivo mostrar que os falantes da língua inglesa, sobretudo os nativos, criam metáforas baseados nos contextos da cultura nativa. Os falantes de quaisquer línguas antes de emitirem uma mensagem buscam



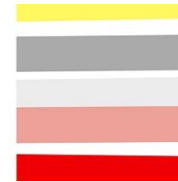
organizar os seus pensamentos. Muitas vezes as mensagens que queremos transmitir se revestem de conceitos abstratos, tão abstratos que recorremos a um recurso comparativo, com estruturas reais. A este recurso comparativo denominamos ‘metáfora’. Mas as metáforas não se resumem somente a isto. Usamos também as metáforas quando queremos enfatizar algo ou reforçar as nossas ideias. As expressões metafóricas parecem reforçar as ideias abstratas no plano real.

Somos quase sempre impelidos, inconscientemente, a usá-las e, por isso mesmo, na maioria das vezes, o que quer que digamos, nos expressamos através das metáforas. Talvez por ser o mais rico artifício da linguagem, a metáfora seja a melhor operação mental que os falantes utilizam. Ela possibilita uma comunicação mais compreensível e evidente. Grosso modo, as metáforas trazem o mundo abstrato para o mundo real e estabelecem ligações fortes entre o abstrato e o real, vinculados a um certo contexto. Assim, a metáfora é uma das ferramentas linguísticas mais importantes para tentar compreender parcialmente o que não pode ser compreendido totalmente, nossos sentimentos, práticas morais, consciência espiritual e conceitos. Em todos os aspectos da vida, não apenas na política ou no amor, definimos a nossa realidade em termos da metáfora.

No entanto, nem sempre é tão fácil construir um sentido instantâneo para as metáforas. Estudantes da língua inglesa, por vezes, sentem enorme dificuldade em compreender a relação das palavras presentes nas metáforas com o real significado comparativo, referente ao contexto no qual a metáfora está inserida. Na verdade, o uso social da metáfora pode estar associado ao contexto cultural bem como pode estar relacionado à época e à classe social do falante. Encontramos desde as mais simples até as mais rebuscadas, que exigem uma investigação, em termos culturais para se chegar ao real significado.

Para compreender a metáfora, o problema está em saber como o falante pode sistematicamente querer significar algo bem diferente do que significam as expressões que ele emite, assim como está em compreender como surgiu a metáfora, como ela é processada pelo ouvinte e quais recursos são utilizados para compreendê-la, não em termos literais, mas sim em termos metafóricos.

Nesse sentido, o presente trabalho propõe fazer uma análise sobre como os falantes fazem para criar as metáforas, e, também, a relação intrínseca da metáfora com a cultura. Para tanto,



recorremos a teóricos como Lakoff, Johnson (1980) e Searle (1995), todos com obras já consagradas a respeito da linguagem, sobretudo, abordando conceitos que fundamentam o estudo da metáfora. Desse modo, vamos utilizar um *corpus* de metáforas, retiradas de Makkai *et alii* (1995) e Ricardo (2004). Serão compartilhadas algumas questões sócio históricas por detrás das metáforas, o que elas, metafóricamente e literalmente, significam. Antes disso, nas seções que seguem, trataremos da relação entre metáfora e cultura, língua, cultura e pensamento metafórico, abstração metafórica e semântica cultural, para por fim apresentar as metáforas selecionadas com as análises deste estudo.

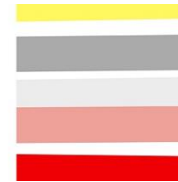
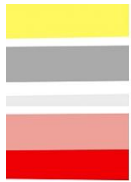
2 Metáforas e cultura

O uso das metáforas talvez seja o recurso linguístico mais comum em todas as línguas. Usamos as metáforas quase sempre automaticamente, de acordo com a nossa subjetividade ou necessidade, para expressar, de forma precisa ou não, o que almejamos ou achamos a respeito de alguma coisa ou alguém. Mas, por que usamos expressões, em vez de dizermos exata e literalmente o que queremos significar? Como funcionam as metáforas? Em quais circunstâncias elas surgiram?

Alguns estudos estabelecem relação entre as metáforas e o comportamento humano, ressaltando a influência delas em tal comportamento. De acordo com o estudo conduzido por Lakoff e Johnson (1980), à luz da linguística cognitiva, as metáforas possibilitam a criação de realidades sociais. Nesse sentido, ambos afirmam:

As metáforas podem criar realidades sociais para nós. Uma metáfora pode, então, ser um guia para ação futura. Tais ações serão naturalmente, adaptadas às metáforas. Isso por seu lado irá reforçar o poder da metáfora para tornar a experiência coerente. Neste sentido, as metáforas podem ser profecias autorealizadoras. (LAKOFF, JOHNSON, 1980, p. 34)

Nesta mesma “linha de pensamento” – olha a metáfora aqui! – o aspecto relevante do uso social da metáfora é o significado por detrás dela, consagrado pelos falantes. E essa consagração pode estar intimamente relacionada com a época em que o falante vive, o que também engloba o

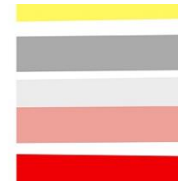


contexto, a cultura e o mundo a nossa volta. Mas, como é possível dizer uma coisa para significar algo diferente? Quanto a isso, Searle (1995), diz que o problema da metáfora diz respeito às relações entre, de um lado, o significado da palavra e da sentença e, de outro, o significado do falante ou o significado da emissão. Nesse ponto, a questão cultural exerce um papel crucial para a compreensão dos enunciados metafóricos. A cultura local, de algum modo, acaba influenciada no surgimento das metáforas.

É natural que o americano e o brasileiro produzam formas de expressar-se diferenciadas, pois eles têm universos culturais bastantes distintos. Além do mais, o inglês e o português são línguas com origens diferentes, faladas em países com estruturas sociais e econômicas bastantes diversificadas. Assim, os conceitos, principalmente os linguísticos, são construídos distintamente. Desse modo, constata-se que os aspectos culturais são condições *sine qua non* para o surgimento das metáforas. A exemplo disso vale lembrar que a metáfora usada para se referir a alguém muito cético, em português “*sou como são Tomé*”, tem o seu equivalente na língua inglesa em “*I’m from Missouri*”, o que não tem nada a ver com a nossa realidade. A tradução literal apenas não nos daria o significado de tal metáfora. Compreenderíamos apenas o significado real da sentença “*I’m from Missouri*”, possibilitado pela interpretação semântica de cada uma das palavras envolvidas: “sou de Missouri”. Ao significado dessa metáfora só chegaríamos com a intervenção de alguém que já a conhecesse. Na língua portuguesa, por exemplo, dizemos “sou como São Tomé”, porque se acredita que Tomé, personagem bíblico, era um homem que não acreditava nos fatos até que os visse diante de si. Já em inglês, o equivalente “*I’m from Missouri*” explica-se pelo fato de as pessoas dessa região, no norte dos Estados Unidos, serem muito céticas e daí ter surgido a expressão. Além disso, o lema do Missouri é *The show me State* (o Estado do me mostre). Nota-se, com isso, que a esfera cultural é fundamental para a compreensão das emissões metafóricas. Baseado nisso é que Searle (1995, p. 134) afirma:

Para compreender emissões metafóricas, o ouvinte necessita de alguma coisa além do conhecimento da língua, da consciência das condições da emissão e das suposições de base que compartilha com o falante.

Ainda baseado neste aspecto, Searle (1995) acentua que uma análise das metáforas deve mostrar como a semelhança e o contexto desempenham, na metáfora, um papel diferente do que



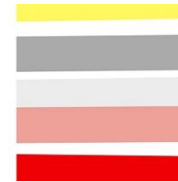
desempenham nas emissões literais. O que dizemos pode ou não significar uma metáfora, dependendo do contexto. Cabe ao interlocutor analisar se a emissão foi usada no sentido literal ou metafórico. Muitas vezes, essa análise é feita automaticamente pelo interlocutor nas circunstâncias da fala.

Vê-se com isso que a metáfora surge das circunstâncias comuns a cada falante, a cada região, a cada povo, a cada língua. Portanto, podemos afirmar que o pensamento metafórico é construído socialmente, baseado nos aspectos culturais de uma nação. O significado das palavras é mantido, contudo, elas atenderão metaforicamente às circunstâncias e aos aspectos culturais dos falantes e elas não funcionarão como armadilhas, afinal, não foram criadas com essa intenção. Acontece que a metáfora surgiu com a história das circunstâncias que criou o idiomatismo (RICARDO, 2004).

Em se tratando de língua estrangeira, logicamente, nos prendemos, muitas vezes, ao sentido básico das palavras, para buscar o seu entendimento. Esse é o problema. Cria-se uma armadilha. Por vezes, nem sequer pensamos que as palavras envolvidas numa metáfora podem ter outros sentidos secundários.

3 Língua, cultura e pensamento metafórico

Para Kroeber e Kluckhohn (1952), a cultura é produzida e modificada concretamente pelos indivíduos e cada estágio da vida é produto de um grupo social. Eles afirmam que, como a língua, a cultura existe nos indivíduos e através deles apenas. Hall (1989) destaca que a cultura envolve a maneira como as pessoas se expressam, incluindo as suas emoções, como elas agem e pensam. Para esse autor, o ato natural de pensar é modificado pela cultura e não há nenhum aspecto da vida humana que não seja tocado e alterado pela cultura. Na visão de Santos (2012), cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social, ao conhecimento, às ideias, às crenças. É um produto coletivo da vida humana. Subjacente a tudo isso, destacamos o fato de a cultura ser uma espécie de codificador dos significados que produzimos e compartilhamos através da língua.

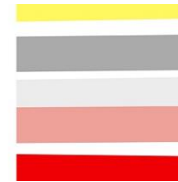
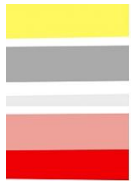


Estabelecida as noções de cultura que tomaremos como base, retornamos à relação entre língua, metáfora e cultura. Assim, embora tivessem dado maior ênfase aos estudos das metáforas, a partir do ponto de vista cognitivo, Lakoff e Johnson (1980) também demonstraram saber da importância do fator cultural na criação do pensamento metafórico. O que não fizeram foi estabelecer a diferença entre metáfora conceitual e cultural. O presente trabalho não objetiva estabelecer essa diferença, mas sim, trabalhar apenas com uma dessas linhas, a cultural. Assim, propomos uma reflexão sobre as metáforas da língua inglesa, considerando que o fator cultural desempenha papel decisivo na criação do pensamento metafórico. Com relação a isso, é importante ressaltar que as formas de pensar e agir são estruturadas exclusivamente por cada cultura, e que as semelhanças entre metáforas de culturas diferentes podem ocorrer por mero acaso, por fatores sócio-históricos e até por intercâmbio cultural.

Não temos na metáfora uma mera comparação, ela representa a transferência de características de um termo para outro, criada a partir da visão de mundo e vivência dos falantes de uma língua, estando este fenômeno associado à cultura regional do falante. Logo, a metáfora não é apenas um processo cognitivo comparativo, mas também uma operação linguística resultante do fator cultural do falante de uma determinada língua. Desse modo, a operação cognitiva de estruturação metafórica do pensamento parece ser universal; contudo, as metáforas que estruturam os diversos conceitos são específicas de cada cultura. Como bem afirmam Lakoff e Johnson (1980), cada experiência acontece dentro um vasto contexto de pressuposições culturais. Por isso, acreditamos que só chegaremos aos significados das metáforas se levarmos em conta o contexto, os interlocutores, o caráter sociointeracional e dialógico da linguagem humana.

4 Abstração metafórica e semântica cultural

Em trabalho intitulado *Metaphors we live by*, Lakoff e Johnson (1980) acentuam que os conceitos abstratos são, em sua maioria, metafóricos. Isso quer dizer que os falantes recorrem às metáforas para expressarem as suas idéias abstratas. Para esses autores, a metáfora é um modo de



pensar, de sorte que pensamos certas coisas em termos de outras e, assim, se estrutura o nosso sistema conceitual. Portanto, ao utilizarmos as metáforas, indiretamente estamos utilizando uma história por meio de uma comparação. É importante reforçar que a metáfora não é apenas um grupo de palavras usado para expressar o seu significado aparente, o mais imediato, muito pelo contrário, o processo de pensamento humano é extremamente conceitual e comparativo, isto é, metafórico.

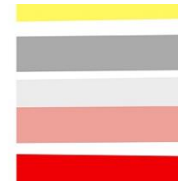
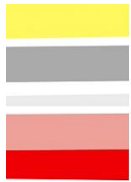
Muitas vezes, temos a necessidade de expressar de forma precisa as nossas convicções, por isso recorremos a imagens do mundo real. É válido lembrar os exemplos em português: “ela é amiga da onça” e “ele é crocodilo” para fazer referência a uma pessoa falsa. A justificativa óbvia para o uso comparativo desses animais seria o fato de que além de serem reais, apresentam comportamentos que podemos associar com a falsidade. Quanto a isso, Searle (1995, p. 137) afirma que:

O que a emissão metafórica significa é realmente diferente do significado das palavras e sentenças, mas não porque tenham mudado o significado dos elementos lexicais, e sim porque o falante quer significar, com elas, outra coisa; o significado do falante não coincide com o significado das sentenças ou das palavras. É essencial perceber esse ponto, pois o principal problema da metáfora é explicar como o significado do falante e o significado da sentença diferem e como estão, não obstante, relacionados.

15

Uma rápida pesquisa pode revelar que as pessoas em geral produzem diversos tipos de metáforas. E essas metáforas estão associadas com os animais, as cores, os objetos e as frutas. A exemplo disso, encontramos as seguintes metáforas: “esse menino é burro”, “deu zebra”, “estou no vermelho”, “a coisa está preta”, “ele é um mala”, “ele é um banana”. Assim, postulamos que as metáforas são produtos das experiências humanas e que algumas experiências podem ser universais (LAKOFF; JOHNSON, 1980), enquanto outras irão variar de acordo com as culturas. Os falantes de uma língua irão, por exemplo, definir de acordo com a cultura o que é bom ou ruim para eles. A metáfora terá, então, uma coerência conceitual, baseada nos conceitos culturais dos falantes, e como geralmente as coisas não são iguais, há sempre confusões nas traduções metafóricas.

Na língua inglesa, por exemplo, temos a metáfora “*I’m blue*”, que os nativos usam para dizer que estão tristes, enquanto na língua portuguesa esta é uma realidade não reconhecida desse



modo, pois a mesma cor está associada com alegria. Entretanto, é possível ocorrer uma coincidência semântica intercultural, como é o caso de “*I’m the black sheep of my family*” que em português é literalmente “eu sou a ovelha negra da minha família” e que metaforicamente quer dizer “sou diferente de todos os outros”, “sou o único com defeitos”. O que percebemos é que os falantes conferem naturalmente um outro sentido para palavras que têm representação no mundo real. Essas palavras que podem ser o nome de um objeto, um animal, uma fruta, ou mesmo uma cor, que, por sua vez, têm uma certa relação com o novo significado que ela passa a desempenhar.

5 Falando com metáforas

Fazem parte desse trabalho vinte metáforas da língua inglesa, que foram selecionadas aleatoriamente em Ricardo (2004) e Makkai *et alii* (1995). Feita a seleção, partimos para a pesquisa. Procuramos desvendar as razões da existência dessas metáforas. Investigamos, para tanto, o fundo cultural, i.e, as circunstâncias onde surgiram tais metáforas. Com cada metáfora, estará a tradução literal na língua portuguesa, assim como as explicações lógicas, o contexto onde surgiram e o significado real desempenhado. Para tanto, serão utilizadas as siglas 1.(SL), para significado literal e 2.(SM), para significado metafórico.

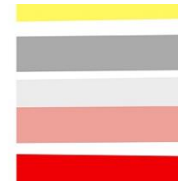
He’s an apple polisher

1.SL: ele é um polidor de maçã

2.SM: ele é puxa-saco.

Fundo Cultural: “*he’s an apple polisher*” não quer dizer “ele é um polidor de maçã” mas sim “ele é puxa-saco”. Sabe-se que antigamente, nos Estados Unidos, muitas famílias tinham uma macieira no quintal, além disso, a maçã é a fruta nacional nos Estados Unidos e até o início do século XX as crianças tinham o hábito de levar maçãs para as professoras. Acredita-se que os pais escolhiam as melhores maçãs, as mais avermelhadas. Entretanto, muitos faziam o trajeto da escola polindo a maçã que levavam: “*polishing the apple*”. E assim o termo pegou. Makkai *et alii* (1995) definem a expressão como uma gíria usada para se referir a alguém que tenta obter a boa vontade de outra pessoa, fazendo favores, com pequenos atos.

He’s a chip off the old block



1.SL: ele é uma lasca do velho bloco.

2.SM: ele é igualzinho ao pai.

Fundo Cultural: não se sabe exatamente quando este idiomatismo metafórico surgiu. Contudo, uma análise precisa dessa expressão nos leva a concluir que todo bloco traz consigo as características do bloco que o originou, assim como os descendentes trazem as características de seu pai (RICARDO, 2004). Makkai *et alii* (1995) dizem que essa expressão é usada para se referir a alguém cuja feição lembra muito aos seus pais. Esse idiomatismo é muito usual para rapazes, no entanto, pouco comum para as meninas. Ainda é corrente o uso das expressões “*like father, like son*” e “*he’s the spitting image of his father*”.

He has a chip on his shoulder

1.SL: ele tem uma lasca nos ombros.

2.SM: ele é muito brigão.

Fundo cultural: “*he has a chip on his shoulder*” quer dizer “ele é muito brigão”. Mas, então, surge a pergunta: o que tem “*he has chip on his shoulder*” a ver com “ele é muito brigão”? Ricardo (2004) relata que nos Estados Unidos, no século XX, os meninos tinham o hábito de colocar uma lasca de madeira em cima do ombro da pessoa com quem se tinha uma diferença. Isso representava um desafio, e quando a lasca caía, os meninos começavam a brigar. Daí dizer que “*he has chip on his shoulder*” é o mesmo que “ele é muito brigão” ou mais metaforicamente correto “ele tem pavio curto”. Makkai *et alii* (1995) também definem a expressão desse modo. Eles ratificam que ela é usada para fazer referência a alguém de natureza conflituosa.

She’s the apple of my eyes

1.SL: ela é a maçã dos meus olhos.

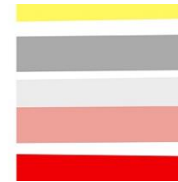
2.SM: ela é a menina dos meus olhos.

Fundo cultural: nesta metáfora os falantes da língua inglesa recorrem a uma fruta, a fruta nacional, que é a maçã. Facilmente se chega à conclusão do motivo da escolha. A relação entre maçã e menina: pela beleza e pela cor da fruta. Transfere-se as características de uma coisa para outra. Para Makkai *et alii* (1995), a expressão é usada para fazer referência a alguma coisa ou alguém que se adora, muito se estima. Note-se que tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos o amor está associado à cor vermelha, a cor da maçã.

He works at the US Bar Association

1.SL: ele trabalha na associação dos bares dos Estados Unidos.

2.SM: ele trabalha na ordem dos advogados dos Estados Unidos.



Fundo Cultural: “*Bar Association*” quer dizer “ordem dos advogados”. A palavra “Bar” literalmente significa “bar” em português. Contudo, pode significar, também, “barra”. Nas cortes da Inglaterra existe uma barra de madeira que separa os magistrados do público. Essa barra simboliza a autoridade judicial. Daí dizer metaforicamente “*Bar Association*” para se referir à “Ordem dos Advogados”. Para Ricardo (2004) isso explica porque os advogados também são chamados de *barrister*.

He’s the black hat

1.SL: ele é o chapéu preto.

2. SM: ele é o vilão.

Fundo Cultural: acredita-se que esta metáfora ganhou força pelo fato de que geralmente os homens maus dos filmes antigos usavam sempre chapéu preto. Daí dizer “ele é um vilão”: “*he’s the black hat*”. Ricardo (2004) ao tratar dessa metáfora destaca o oposto “*the white hat*” que significa “o mocinho”.

He’s a couch potato

1.SL: ele é um sofá de batata.

2.SM: ele é sedentário.

Fundo Cultural: a metáfora “*couch potato*” não tem uma tradução exata na língua portuguesa, por se tratar de uma expressão metafórica genuinamente cultural. A adaptação mais adequada seria sedentário. Makkai *et alii* (1995) definem a expressão como uma pessoa viciada em assistir televisão o dia todo. *Couch* é sofá e *potato* é batata, um vegetal. Assim, a metáfora é usada para se referir a uma pessoa ociosa, depressiva, preguiçosa, geralmente gorda, que tem o hábito de sentar-se no sofá em frente à TV e ali ‘vegetar’. Essa expressão metafórica surgiu na década de 80 e está em evidência até hoje.

She loves soap-opera.

1.SL: ela ama opera de sabão.

2.SM: ela adora novelas.

Fundo Cultural: a expressão metafórica data de 1950, quando uma empresa de sabão decidiu patrocinar a primeira novela nos Estados Unidos. *Soap* quer dizer sabão. Na época havia diversas propagandas de sabão na TV. Makkai *et alii* (1995) registram a expressão e a define como um conjunto de histórias seriadas de natureza sentimental, que envolve sexo, crime e intriga social, ou seja, novela.

He likes to call someone on the carpet.



1.SL: ele gosta de chamar alguém no tapete. 2.SM: ele gosta de dar bronca nos outros.

Fundo Cultural: “*carpet*” é a palavra chave para se compreender esta metáfora. Chefes trabalham em salas, escritórios, gabinetes ou dependências que têm tapetes. A metáfora surgiu da ideia de que um diretor de escola dá bronca num aluno, num funcionário ou um general dá bronca num oficial subalterno, numa sala com carpete. Tanto Ricardo (2004) quanto Makkai *et alii* (1995) registram a expressão com esse sentido.

She carries a torch for him

1.SL: ela carrega uma tocha por ele. 2.SM: ela alimenta um amor por ele.

Fundo Cultural: costuma-se dizer “*she carries a torch for him*” quando uma mulher não é correspondida com o amor de um homem. Ricardo (2004) destaca que a tradução literal está correta. Entretanto, ela também é usada com o significado de alimentar um amor não retribuído. Makkai *et alii* (1995) também seguem esse raciocínio, e, ao registrarem a expressão, dizem que se trata de uma frase informal usada para se referir a alguém que está apaixonado, geralmente sem sucesso ou correspondência. Os ingleses foram tomar emprestado o simbolismo dessa metáfora na Mitologia Grega, em Eros, o Deus do amor, que carregava uma tocha.

She’s a cat, she works in a cathouse.

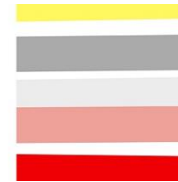
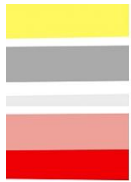
1.SL: ela é uma gata, ela trabalha numa casa de gata.

2.SM: ela é uma prostituta, ela trabalha num bordel.

Fundo Cultural: a expressão é corrente. *Cat*, metaforicamente, é sinônimo de prostituta. Não se sabe exatamente quando surgiu. Contudo, acredita-se que nem todas as regiões dos Estados Unidos usem a palavra *cat* com este sentido. Mas, e quanto a *cathouse*? Primeiro, como já dissemos, *cat* é sinônimo de prostituta, logo, *cathouse* é casa de prostituta, bordel. É interessante notar que na língua portuguesa, mais especificamente no Brasil, “gato(a)” é sinônimo de beleza. Acredita-se que tal metáfora tenha surgido pelo fato de o gato ser um animal boêmio e trocar de parceira com frequência. Ricardo (2004) e Makkai *et alii* (1995) definem registram a expressão. Estes últimos definem a expressão como uma casa de má reputação, de prostituição.

She gave me a cold shoulder.

1.SL: ela me deu um ombro frio. 2.SM: ela me tratou com frieza.



Fundo Cultural: há diversas versões sobre a origem da expressão metafórica “*cold shoulder*”. A primeira é que na época do feudalismo, os senhores eram pessoas muito hospitaleiras. Muitos viajantes que passavam pelos castelos lhes pediam abrigo. Quando o jantar era servido, se o hóspede era nobre, comia os melhores cortes de carne. Mas se era um pobre coitado, sobrava-lhe apenas quarto dianteiro (*shoulder*) de carneiro frio. A segunda versão relatada por Ricardo (2004), é que as mulheres da alta sociedade usavam os ombros e o colo desnudos. Os homens, naturalmente, se sentiam atraídos. Quando eles não as interessavam, elas lhes davam “o ombro frio” (*cold shoulder*), ou seja, as costas. Makkai *et alii* (1995) dizem que essa expressão é usada informalmente para se referir a alguém que destratou, que tratou com descaso.

He’s an egghead.

1.SL: ele é um cabeça de ovo. 2.SM: ele é um intelectual.

Fundo Cultural: este termo metafórico surgiu por conta da Frenologia (estudo das funções do cérebro, de acordo com as conformações do crânio). *Egghead* significa intelectual. A metáfora surgiu da crença de que as pessoas inteligentes e muito cultas tinham a cabeça grande e arredondada como um ovo (RICARDO, 2004).

He’s a fat cat

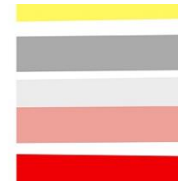
1.SL: ele é um gato gordo. 2.SM: ele é um marajá.

Fundo Cultural: Ricardo (2004) destaca que metáfora “*fat cat*” era originariamente usada apenas para financiadores de campanhas políticas. Esses financiadores alcançavam influência e poder, quando seus candidatos venciam as eleições. Assim, eles passavam a receber mordomias e se tornavam marajás, com nomeação para os cargos mais altos do governo. Por isso, ainda hoje “*fat cat*” é traduzido como marajá.

The bedroom was in apple pie order

1.SL: o quarto estava em ordem de torta de maçã. 2.SM: O quarto estava um brinco.

Fundo Cultural: dificilmente se chegará ao seu significado analisando as palavras envolvidas. “*In apple pie order*” quer dizer algo como “estar um brinco”. Makkai *et alii* (1995) registram a expressão como uma frase informal que significa um estado exato de arrumação. Para Ricardo (2004) Há duas justificativas para a origem desta metáfora. Primeiro, antigamente, as donas de casas eram muito prendadas; era comum fazerem tortas de maçã (uma das sobremesas mais



apreciadas dos Estados Unidos), com recheio de maçãs fatiadas. Estas eram dispostas na massa com precisão milimétrica e cuidado artístico. Daí dizer que quando está tudo impecável, preparado ou arrumado “it’s in apple pie order”. Ainda, esta metáfora pode ter tido a sua origem no Francês *nappe plié* (linho dobrado). *Nappe plié* quer dizer arranjos e a precisão das dobras de linho; os leques e as flores dos guardanapos, tudo em impecável ordem. Como os ingleses têm imensa habilidade para anglicizar palavras de qualquer origem, *nappe plié* passou a ser “*in apple pie (order)*”.

He’s a man Friday

1.SL: ele é um homem da sexta-feira. 2.SM: ele é pau pra toda obra.

Fundo Cultural: a metáfora surgiu quando Robinson Crusoe, de Daniel Defoe, foi lançado em 1719. Robinson Crusoe é a história de um naufrago, um jovem marinheiro, que decidiu viajar sem avisar a ninguém. Mas, após uma tempestade, acabou naufragando numa ilha deserta. Na ilha conheceu um selvagem. Tornaram-se bons amigos, apesar da impossibilidade de comunicação. Robinson nem sequer chegou a saber o nome de seu amigo. Como o conheceu numa sexta-feira, passou simplesmente a chamá-lo de *Man Friday*.

This business is a bit on thin ice

1.SL: esse negócio está um pouco em gelo fino. 2.SM: esse negócio é um pouco arriscado.

Fundo Cultural: “*on the thin ice*” quer dizer situação arriscada, perigosa. Essa metáfora tem a ver com patinação no gelo. Makkai *et alii* (1995) registram a expressão como “*skate on the thin ice*”, e a define como risco, perigo ou desaprovação. Isso porque patinar numa pista de gelo adequada é uma emoção, sensação de liberdade, sem limites, mas se o gelo for apenas uma camada fina, há o risco de ele se quebrar com o impacto dos patins e, com a velocidade, o patinador afundar nas águas geladas e morrer, preso debaixo da camada de gelo. Geralmente se diz “*to be on thin ice*” ou “*to find oneself on thin ice*”.

She’s really putting on the dog tonight

1.SL: ela realmente está colocando o cachorro hoje à noite.

2.SM: ela está botando pra quebrar essa noite.

Fundo Cultural: “*To put on the dog*” significa botar para quebrar ou dar um show. Ricardo (2004) explica que por volta de 1861, durante a Guerra civil Americana, muita gente empobreceu.



Outros enriqueceram. A sociedade estadunidense ficou esnobe e criou modismos só para exibirse. Um desses modismos era criar cachorros pequenos e caríssimos. Os donos levavam os cachorros para passearem carregados nos braços, como uma criancinha. Sem se dar conta, estavam criando um idiomatismo metafórico: “*they were putting on the dog*”. Já Makkai *et alii* (1995) dizem que a expressão significa se vestir de maneira pomposa.

Let's put our shoulders to the wheel

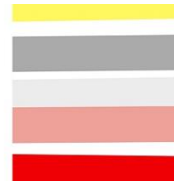
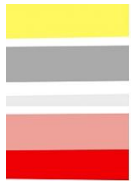
1.SL: vamos colocar os nossos ombros nas rodas. 2.SM: vamos pôr mãos à obra.

Fundo Cultural: Ricardo (2004) diz que carroças imensas e pesadas eram muito comuns nos EUA no século XIX. Quando os cavalos eram chicoteados para andar e puxar as carroças, as rodas cavavam lama ou neve e se afundavam. Por isso era preciso que os passageiros saíssem da carroça para torná-la mais leve e os mais fortes colocavam os ombros nas rodas e as empurravam para sair do lamaçal. Daí surgiu o idiomatismo metafórico: “*to put one's shoulder to the wheel*”. Makkai *et alii* (1995) também registra a expressão e a define como um grande esforço, cooperação.

She let the cat out of the bag

1.SL: ela deixou o gato sair do saco. 2.SM: ela deu com a língua nos dentes.

Fundo Cultural: Makkai *et alii* (1995) dizem que a expressão é informal e que significa revelar alguma coisa que deveria permanecer em segredo. Já Ricardo (2004) diz que os adágios “vender gato por lebre” e “comprar nabos em saco” são metáforas que se referem a vendedores desonestos e compradores ingênuos. Ricardo (2004) informa que o seu equivalente em inglês é *to buy a pig in a poke* (*comprar um porco num saco*) e que tanto em Portugal como na Inglaterra, era usual, nas feiras rurais de antanho, malandros pegarem um gato de rua, enfiarem o bicho num saco e procurar passá-lo adiante como se fosse um leitão. Todavia, o vendedor deixava o gato sair do saco, por descuido, e o segredo acabava sendo revelado.

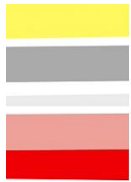


Conclusão

As línguas são suscetíveis às mudanças, e a todo o momento palavras e expressões são criadas. Obviamente que não surgem por acaso, como pude constatar após fazer a análise das metáforas e das circunstâncias nas quais foram criadas. Os falantes utilizam várias estratégias para a criação de palavras e expressões, dentre elas a operação mental que ora denominamos metáfora, uma operação comparativa e cognitiva, que os falantes utilizam quando buscam externar os seus conceitos, principalmente os abstratos. O mais impressionante é que essa operação mental é responsável pela maior parte da estrutura das línguas. A natureza das línguas, por conta disso é metafórica.

À primeira vista, a maioria das metáforas são usadas e reconhecidas sem problemas pelos nativos. A utilização de uma palavra para significar outra completamente diferente é automaticamente internalizada pelo falante através da cultura da qual ele faz parte. Contudo, constata-se que para falantes não nativos, é necessário estudo, às vezes profundo, das metáforas, como tratei de fazer neste trabalho. Obviamente, que em alguns casos as semelhanças interculturais facilitam o entendimento. No entanto, deve-se ter cautela para não cair na tentação de querer traduzir tudo literalmente, pois não dará certo. O que dizer de um tradutor inexperiente, ao dizer que “*I’m blue*”, “*working girl*” e “*apple polisher*” significam respectivamente “estou azul”, “uma menina que trabalha muito” e “polidor de maçã” apenas? Tal tradutor estaria fadado ao insucesso. O sentido vernacular permanece em cada palavra, mas elas serão usadas metaforicamente para significar outra ideia. Quanto às semelhanças metafóricas interculturais, elas raramente acontecem, mas acontecem. O que dizer de “*I slept like a log*” quando em português usamos praticamente as mesmas palavras -“dormi como uma pedra”- para significar a mesma coisa?

Por fim, o presente trabalho surgiu do interesse em descobrir como funciona e como surge uma das mais impressionantes operações mentais que os falantes realizam na língua inglesa: a metáfora. No bojo da discussão, buscamos provocar uma reflexão sobre a importância dos mecanismos que produzem a metáfora. Procuramos fazer uma reflexão tratando tanto dos



aspectos que levam os falantes a realizarem as metáforas como também os aspectos culturais que foram responsáveis pela sua criação.

Referências

HALL, S. *The question of cultural identity*. Cambridge: Polity Press in association with the Open University, 1992.

IGREJA, J. A. *How do you say (*****) in English?* 1ª ed. São Paulo: Disal, 2005.

KROEBER, A. L.; KLUCKHOHN, C. *Culture: a critical review and definitions*. USA: Cambridge University Press, 1952.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. 1ª ed. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

MAKKAI, A.; BOATNER, M. T.; GATES, J. E. *A dictionary of American idioms*. 3rd ed. United States: Barron's ed. Series, 1995.

MENDES, E. Por que ensinar inglês como cultura? In: SANTOS, Percila. ALVAREZ, Maria Luisa O. *Língua e cultura no contexto de português - língua estrangeira*. São Paulo: Pontes, 2010. p. 53-77.

RICARDO, J. *Pitfalls - 500 armadilhas da língua Inglesa*. 1ª ed. São Paulo: Disal, 2004.

SANTOS, J. L. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

SEARLE, J. R. *Expressão & significado*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Recebido em: 05 de abril de 2019.

Aprovado em: 07 de agosto de 2019.